

A Insegurança Gerando Mal-estar em Destinos Turísticos: uma reflexão sobre a cidade do Rio de Janeiro

Marcelo de Barros Tomé Machado^aManoela Carrillo Valduga^bEricka Maria Costa de Amorim^c

Resumo

A atividade turística, dentre outros aspectos, caracteriza-se sobretudo pelo deslocamento dos sujeitos entre diferentes territórios, pelos mais variados motivos. As informações prévias que os viajantes têm sobre os inúmeros destinos que podem escolher exercem grande influência na tomada de decisão. Os problemas de segurança pública caracterizam-se como fatores restritivos para tal escolha, pois impõem riscos à vida e à integridade física dos indivíduos. Algumas localidades apresentam condicionantes socioambientais que proporcionam o medo social territorializado, caracterizado como um temor coletivo em determinada parcela do espaço, apresentando características ininterruptas ou temporárias que podem propiciar riscos e mal-estar para as pessoas. Assim, questiona-se se as destinações turísticas com problemas de segurança pública agregariam elementos temerários e negativos em sua imagem, gerando o medo social e propiciando mal-estar aos turistas. Buscando responder tal questionamento, foi definido como objetivo deste artigo destacar o medo social por meio da insegurança, como relevante fator restritivo para o turismo e provocador de mal-estar para os visitantes. Primeiramente, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre os temas fatores restritivos ao turismo e o medo social. A pesquisa empírica contou, com uma primeira etapa qualitativa, formada por entrevista com 15 turistas, e a segunda etapa foi quantitativa, contando com 384 formulários aplicados junto a turistas, ambas etapas transcorridas na cidade do Rio de Janeiro. Os resultados preliminares indicam a insegurança como destacado fator restritivo para o turismo no Rio de Janeiro, o que pode gerar mal-estar e contribuir para o medo social.

Palavras-chave: Turismo; Medo Social; Percepção; Fatores Restritivos; Rio de Janeiro.

Abstract

Insecurity Generating Ill-being in Tourist Destinations: a reflection on the city of Rio de Janeiro

The tourist activity, among other aspects, is mainly characterized by the displacement of tourists between different territories, for the most varied reasons. The prior information that travellers have about the numerous destinations they can choose, has a great influence on their decision. Public security problems are characterized as restrictive factors for those choices, as they impose risks to life and physical integrity of individuals.

- a. Pós-doutor em Turismo e Acessibilidade na Faculdade de Ciências Econômicas e Empresariais da Universidade de Málaga na Espanha. Docente do curso de Bacharelado e do Programa de Mestrado em Turismo na Universidade Federal Fluminense. Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: marcellotome@id.uff.br
- b. Doutora em Turismo pela Universidade de Aveiro em Portugal. Docente do curso de Bacharel em Turismo na Universidade Federal Fluminense. Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: manoelavalduga@id.uff.br
- c. Doutora em Geografia e Planejamento Territorial pela Universidade Nova de Lisboa em Portugal. E-mail: erickaaa@msn.com

Some locations present socio-environmental conditions that provide territorialized social fear, characterized as a collective fear in certain part of the space, presenting uninterrupted or temporary characteristics that can provide risks and discomfort for people. Thus, it is questioned whether tourist destinations with public security problems would add reckless and negative elements to their image, generating social fear and causing discomfort to tourists? Seeking to answer this question, the objective of this article was defined to highlight social fear through insecurity, as a relevant restrictive factor for tourism and a cause of discomfort for visitors. First, a bibliographic survey was carried out on the topics of restrictive factors to tourism and social fear. The empirical research had a first qualitative part, formed by interviews with 15 tourists, and the second part was quantitative, had 384 forms applied to tourists, both stages passed in the city of Rio de Janeiro. Preliminary results indicate insecurity as a prominent restrictive factor for tourism in Rio de Janeiro, which can generate discomfort and contribute to social fear.

Keywords: Tourism; Social Fear; Perception; Restrictive Factors; Rio de Janeiro.

Resumen

Inseguridad Generadora de Malestar en los Destinos Turísticos: una reflexión sobre la ciudad de Rio de Janeiro

La actividad turística, entre otros aspectos, se caracteriza, sobre todo, por el desplazamiento de personas entre diferentes territorios, por las más variadas razones. La información previa que tienen los viajeros sobre los numerosos destinos que pueden elegir tiene una gran influencia en la toma de decisiones. Los problemas de seguridad pública se caracterizan como factores restrictivos para tal elección, ya que imponen riesgos a la vida e integridad física de las personas. Algunas localidades presentan condiciones socioambientales que brindan miedo social territorializado, caracterizado como un miedo colectivo en una determinada parte del espacio, presentando características ininterrumpidas o temporales que pueden generar riesgos y malestar para las personas. Así, se cuestiona si los destinos turísticos con problemas de seguridad pública agregarían elementos temerarios y negativos a su imagen, generando miedo social y causando malestar a los turistas. Buscando responder a esta interrogante, el objetivo de este artículo se definió como evidenciar el miedo social a través de la inseguridad, como un factor restrictivo relevante para el turismo y que provoca malestar a los visitantes. En primer lugar, se realizó un levantamiento bibliográfico sobre los temas de factores restrictivos al turismo y miedo social. La investigación empírica tuvo una primera parte cualitativa, formada por entrevistas con 15 turistas, y la segunda parte fue cuantitativa, contó con 384 formularios aplicados a turistas, ambas etapas transcurridas en la ciudad de Río de Janeiro. Los resultados preliminares indican que la inseguridad es un factor restrictivo destacado para el turismo en Río de Janeiro, que puede generar malestar y contribuir al miedo social.

Palabras clave: Turismo; Miedo Social; Percepción; Factores Restrictivos; Rio de Janeiro.

INTRODUÇÃO

As viagens propiciam experiências desejadas ou não pelo turista. A partir das motivações mais variadas, o turista decide se ausentar temporariamente do seu entorno habitual, retornando posteriormente ao seu ponto de origem. No decurso da viagem, o turista pode vivenciar e experimentar momentos únicos, a serem incorporados à sua memória (Panosso Netto, 2005).

O receio em viver experiências indesejáveis caracteriza-se como fator limitante na escolha de um destino turístico. O risco presente em determinadas

localidades pode gerar apreensão coletiva motivada pelas limitações com a segurança, propiciando o que é definido como medo social, caracterizado como um medo que é construído socialmente e que afeta a sociedade como um todo. Desta forma, muitas cidades apresentam estereótipos vinculados, entre outras coisas, a severos riscos de segurança pública, desencadeando medo social (Tomé, 2012).

Na história da humanidade, a violência física e psicológica sempre foi utilizada para alcançar os mais diversos objetivos (Gonçalves & Tomé, 2021). Estudos sobre limitações relativas à segurança pública ocupam pouco espaço nas pesquisas no âmbito do turismo. Brás (2012), ao fazer referência aos poucos estudos que abordam a questão da segurança e percepção de risco em destinos turísticos, assevera:

A segurança e percepção de risco no turismo constituem dois importantes critérios na seleção dos destinos e no processo de tomada de decisão, principalmente quando escolhemos destinos internacionais, apesar do estudo da percepção de risco e de segurança constituírem um tópico de análise pouco explorado em diferentes contextos (Brás, 2012, p.06).

A fim de contribuir com este tema, foram desenvolvidas ações investigativas tendo como objetivo destacar o medo social, gerado por meio da insegurança, como relevante fator restritivo para o turismo e provocador de mal-estar para os visitantes. O presente estudo tem a cidade do Rio de Janeiro, importante destino turístico brasileiro, como objeto empírico de análise, escolha que se justifica pelo fato do Rio de Janeiro encontrar-se constantemente veiculado, por distintas formas midiáticas, como uma cidade insegura, sobretudo em relação a violência. Corroborando com esta afirmação, o jornal O Dia publicou a matéria “Um olhar sobre o Rio: o drama sem fim da violência no Rio de Janeiro, destacando a capital fluminense como relevante destino turístico, mas também como cidade violenta, cuja criminalidade influencia no fluxo receptivo para a cidade. O jornalista assevera: “Sem resolver a questão da violência, o Rio não conseguirá trazer de volta os turistas que a cada ano vem perdendo para outros estados do Brasil e outros países do mundo” (Vasconcellos, 2023).

Para alcançar o objetivo proposto, foram definidos como procedimentos metodológicos do presente estudo, de natureza qualitativa, primeiramente, pesquisa bibliográfica. Na segunda e terceira etapas foram realizadas entrevistas e aplicados questionários junto aos turistas na cidade do Rio de Janeiro, respectivamente.

As análises preliminares apontam que a insegurança é um importante fator restritivo para o turismo na cidade do Rio de Janeiro, provocando sensação de insegurança e gerando mal-estar junto aos visitantes.

O presente artigo é composto, além da sua introdução, pela revisão de literatura, contemplando os temas principais do estudo, que são os fatores restritivos para o turismo e o medo social. Em seguida são apresentados os recursos metodológicos empregados na investigação que, por sua vez, proporcionaram a etapa seguinte, que são os resultados e as discussões que as evidências proporcionaram.

REVISÃO DE LITERATURA

A compreensão dos processos de motivação para a viagem é de extrema importância para o entendimento da escolha de um destino pelo turista. “No âmbito do consumo, quando um indivíduo sente um vazio entre seu estado atual e um estado desejado, uma necessidade é percebida levando-o, assim, à ação – no caso, à compra ou ao consumo de um produto ou serviço” (Costa et al, 2010, p. 219).

A motivação é um campo cujos pesquisadores têm se estudado mais do que a restrição em turismo, tanto conceitual quanto empiricamente. Dann (1981) apresentou relevante contribuição em relação aos estudos da motivação em turismo ao formular a teoria *push-pull* compondo uma abordagem simples e intuitiva para a compreensão das motivações do comportamento do turista. Assim sendo, os fatores *push* são aqueles que levam as pessoas a decidir viajar, ou seja, condicionantes que “empurram” o turista, que estimulam deslocar-se do seu entorno habitual, estando relacionados às necessidades e desejos do viajante como, por exemplo, o desejo de fuga, descanso, relaxamento, aventura, status, dentre outros. No entanto, existem os fatores *pull*, integrados aos destinos turísticos e que “puxam” o consumidor. Estes fatores estão relacionados às características específicas dos destinos, tais como os atrativos, a infraestrutura, os equipamentos turísticos e de apoio.

Segundo Dann (1981) o processo de decisão de viajar acontece em dois momentos distintos: primeiro percebe-se a necessidade (ou desejo) de viajar – manifestação dos fatores *push* – para só depois se definir o destino, sob a influência dos fatores *pull* (Costa et al, 2010).

Segundo Swarbrooke e Horner (2002) há dois tipos de fatores que influenciam o consumidor turístico na decisão de viajar: os fatores motivadores e os fatores determinantes.

Os fatores motivadores seriam aqueles que despertariam no turista o desejo de viajar e consumir determinado produto turístico, podendo ser dividido em dois grupos: os que motivam uma pessoa a tirar férias (similar ao *push*); e aqueles que motivam indivíduos a tirar férias em determinado destino turístico e em um determinado momento (similar ao *pull*).

Já os fatores determinantes seriam aqueles que indicariam até que ponto seria possível para o turista consumir o produto desejado, propondo a existência de determinantes pessoais ao turista e outros que são externos a ele. A forma como o comportamento do turista é influenciada por seus determinantes pessoais ou externos varia em cada consumidor (Swarbrooke & Horner, 2002). Dentre os fatores determinantes internos ou pessoais, encontram-se aqueles relacionados às atitudes e percepções. Nestes, é possível incluir elementos que influenciam negativamente na decisão de viajar, tais como os riscos presentes nas localidades avaliadas como possíveis destinos, podendo ser estes pensados como fatores restritivos.

Valduga, Costa e Breda (2020) destacam que há inúmeras maneiras de os turistas formarem uma imagem dos destinos turísticos, que, em alguns casos, podem não necessariamente corresponder à realidade do local.

Os fatores restritivos do turismo são elementos e eventos efetivos ou que podem vir a acontecer e que influenciam negativamente na decisão de viajar para um determinado destino. Os fatores restritivos podem ser de nível pessoal ou local (Tomé, 2012). Os de nível pessoal são aqueles que impedem ou limitam as possibilidades de viajar para um determinado indivíduo, tais como as

condições financeiras, as condições de saúde e a indisponibilidade de tempo livre. Já os fatores restritivos de nível local seriam as condições presentes em determinado lugar e que tendem a influenciar negativamente a escolha daquela localidade como destino de um deslocamento turístico para determinado indivíduo ou grupo social, sobretudo as localidades que apresentam condições que implicam risco em relação à integridade física do visitante, tais como epidemias, desastres naturais, guerras, atentados terroristas, violência e criminalidade (Tomé, 2012).

Hahm e Severt (2018) asseveram que, em primeiro lugar, destinos turísticos desconhecidos nem serão considerados como opção de viagem e, em segundo lugar, os desfavoráveis serão descartados. Para os autores, “se há uma imagem negativa ou mesmo nenhuma imagem percebida de um destino, as chances de ser visitado são bastante limitadas” (Hahm & Severt, 2018, p. 37).

Assim, assume-se que a percepção por parte de potenciais turistas em relação a existência de elementos que implicam risco em uma determinada localidade, que podem ser considerados fatores restritivos de nível local, propicia o surgimento do fenômeno destacado como medo social.

O medo é uma reação desencadeada a partir da interação com algum estímulo externo ou pela percepção de alguma manifestação interna de caráter orgânico ou psicológico, propiciando repercussões de alerta no organismo, disparando como resposta fisiológica a liberação dos ditos hormônios do estresse, como a adrenalina e o cortisol, preparando, em geral, o indivíduo para o enfrentamento ou a fuga em relação à interação ou manifestação vivenciada (Santos, Ribeiro & Álvares, 2019).

Nos estudos do medo distinguem-se dois componentes: o sinal de alarme e o sinal de ansiedade. O sinal de alarme ocorre por meio de um evento imprevisto, possibilitando instintivamente distintas respostas do indivíduo (Tuan, 2005). Já a ansiedade é uma sensação difusa de medo e pressupõe uma habilidade de antecipação. A ansiedade é entendida como uma resposta a situações cujas ameaças ao indivíduo não estão bem definidas, é ambígua ou não está objetivamente presente (Singh, Moraese, Bovi & Ambrosano, 2000). A ansiedade implica o aparecimento de uma condição aversiva ou dolorosa, algum grau de incerteza ou dúvida e alguma forma de impotência do organismo em um determinado momento (Pessotti, 1978). A ansiedade, portanto, é um pressentimento de perigo sem a ocorrência efetiva de um evento que justifique o medo. Em geral, não decorre ameaça concreta.

Quando este temor é compartilhado por determinados grupos sociais ou estereotipado em relação a uma localidade, denominamos esta situação como medo social, ou seja, o medo construído socialmente e que afeta determinada coletividade (Tomé, 2012). O medo social pode apresentar-se compartilhado por determinados grupos sociais e/ou territorializado.

Há determinados grupos sociais que temem sua integridade física em algumas localidades, por conta das possíveis reações coletivas frente às suas características, tais como gênero, cor, etnia, credo e orientação sexual. Trata-se, portanto, de uma expressão do medo social compartilhado por grupos sociais específicos (Mota, 2006).

Já o medo social territorializado ocorre quando uma determinada localidade apresenta características ininterruptas ou temporárias que propiciam a sociedade, de forma geral, a temer pela sua integridade física naquela localidade. Tais características podem estar relacionadas com a saúde, como risco de epidemias; com desastres naturais, como terremotos, erupções vulcânicas, enchentes; ou com a violência, como a criminalidade urbana, guerras e atentados terroristas.

Tais localidades apresentam o medo territorializado, pois agregam elementos temerários e negativos em sua imagem e que agem como fatores restritivos para o turismo, podendo gerar risco e mal-estar aos visitantes (Tomé, 2012).

Para Álvarez-Torre (2017), apesar da exposição midiática mundial que o Brasil obteve com a realização dos megaeventos que ocorreram na segunda década do século XXI, principalmente na cidade do Rio de Janeiro, o autor refere que os problemas de segurança estão na origem da principal desvantagem atual do país num cenário de competitividade de destinos turístico mundial, bem como um importante atributo que os turistas conferem aos destinos.

Assim, a sessão da metodologia, apresentada a seguir, discorrerá sobre a investigação realizada para perceber os elementos vinculados à insegurança e o consequente medo social como fatores restritivos ao turismo na cidade do Rio de Janeiro.

METODOLOGIA:

Conforme já foi destacado anteriormente, há poucos estudos relativos aos fatores restritivos do turismo, ou seja, pesquisas sobre os elementos que influenciam de maneira negativa a decisão de viajar ou não para um determinado lugar. Farmaki et al. (2019), destacam que há muito mais estudos sobre a motivação na escolha de um destino turístico do que eles chamam de desmotivação, neste artigo entendido como fatores restritivos ao turismo.

Para avançar em relação ao tema, foi realizada uma consistente pesquisa bibliográfica. Nesta etapa, agruparam-se dados e informações que propiciaram desenvolver o embasamento teórico para a investigação proposta a partir dos temas de motivação no turismo, medo social, fatores restritivos, estresse, mal-estar e segurança pública.

Foram utilizadas também dados secundários, obtidos junto ao Instituto de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro (ISP) e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), por meio do Atlas da Violência, que possibilitaram definir os índices de violência no Rio de Janeiro e em outras cidades brasileiras.

A segunda etapa de pesquisa foi de caráter exploratório e qualitativo, visando preencher a primeira lacuna analítica: definir os principais fatores restritivos para o turismo.

A pesquisa exploratória tem por objetivo conhecer a variável de estudo tal como se apresenta, seu significado e o contexto em que se insere (Marques & Monteiro, 2015). Para este estudo, a pesquisa exploratória foi realizada como um estudo preliminar, com a finalidade de melhor adequar o instrumento de medida à realidade que se pretendia compreender. Partindo deste pressuposto, foram realizadas entrevistas com perguntas abertas. A escolha do formato das perguntas abertas mostrou-se mais adequado levando em conta as vantagens e desvantagens para o alcance do objetivo desta pesquisa, já que as questões abertas propiciam aos respondentes ficarem livres para responderem com suas próprias palavras, sem se limitarem a escolha entre um rol de alternativas, propiciando ao pesquisador à descoberta de enfoques, percepções e terminologias novas para ele, contribuindo para que, paulatinamente, seu próprio modo de pensar seja modificado. Isto significa que o pesquisador, progressivamente, vai ajustando suas percepções à percepção dos entrevistados (Gil, 2008).

Segundo Gil (2008), a entrevista é uma técnica eficiente para obter dados em profundidade em relação ao comportamento humano. Além disso, pressupõe-se que o

comportamento humano é mais bem compreendido no contexto social onde ocorre (Marques & Monteiro, 2015).

Assim sendo, as entrevistas ocorreram de forma aleatória, por conveniência, mediante a aceitação dos turistas abordados. Foram entrevistados quinze turistas na própria cidade do Rio de Janeiro, durante o mês de janeiro de 2017, sendo dez turistas brasileiros provenientes dos estados do Paraná, Pernambuco, Pará, Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais; e cinco turistas estrangeiros, provenientes da Argentina, Chile, Peru, Portugal e Espanha. Os dados foram levantados por meio de entrevistas estruturadas, gravadas, com autorização verbal dos entrevistados, e transcritas para melhor análise. As entrevistas foram realizadas em locais de fluxo turístico, na Praia de Copacabana e no acesso ao teleférico do Pão de Açúcar e tiveram duração média de cinco minutos.

Além de perguntas para nortear o perfil sociodemográfico, foi realizada uma pergunta chave para os entrevistados de ambos os grupos: Quais os principais fatores que podem influenciar negativamente na decisão espontânea de viajar, seja individualmente, em família, ou em grupo para uma determinada localidade?

A partir das informações obtidas junto aos respondentes, foi possível a definição de doze fatores considerados como restritivos ao turismo, sendo seis relacionados com a segurança. Os resultados dessa etapa foram utilizados na elaboração do instrumento de coleta da etapa seguinte.

A terceira etapa da pesquisa ocorreu a partir da aplicação de questionário com perguntas fechadas de caráter escalonado, seguindo a escala Likert de cinco pontos de concordância. Os respondentes foram turistas que visitavam a cidade do Rio de Janeiro, pois a demanda real teria uma percepção da segurança na cidade do Rio de Janeiro construída a partir das suas próprias experiências, vividas *in loco*.

Responderam a este questionário 408 pessoas, porém, para a análise, foram validadas 384 respostas. Os questionários foram aplicados em janeiro e fevereiro de 2017, em quatro pontos diferentes da cidade do Rio de Janeiro: Rodoviária Novo Rio; na Praia de Copacabana; nos arredores da estação do Trem do Corcovado, no bairro do Cosme Velho; e nos arredores da estação do teleférico do Pão de Açúcar, no bairro da Urca.

A seguir, serão apresentados os resultados obtidos com as entrevistas e os questionários aplicados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A fim de alcançar o objetivo proposto, a análise da etapa da pesquisa composta por entrevistas constatou 69 indicações espontâneas relativas a possíveis elementos que influenciariam negativamente na decisão de viajar. As 69 indicações foram aglutinadas e categorizadas em doze fatores restritivos. Indicações espontâneas como “[...] não viajaria para um lugar que tivesse um vulcão em erupção”; ou “[...] até hoje não me sinto confortável em viajar para a Região Serrana, por causa das chuvas que mataram um monte de gente em 2011 ou 2012...” propiciaram identificar dois elementos de influência negativa: “erupção vulcânica” e “chuvas”, que foram definidos como um fator restritivo, a saber: “Risco de Desastres Naturais”.

Este método propiciou a definição de doze fatores restritivos que podem ser verificados na Figura 1 a seguir:

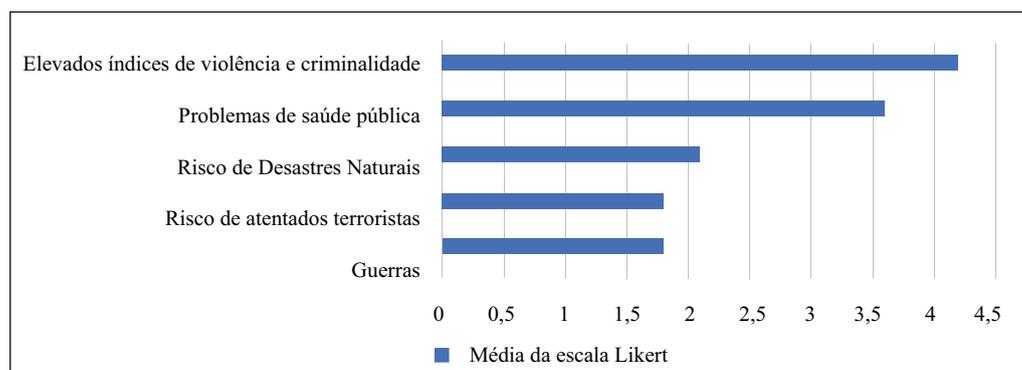
Figura 1 – Fatores Restritivos ao Turismo

Fonte: Elaboração própria (2022)

Com a identificação dos principais fatores restritivos, foram ignorados os elementos não relacionados diretamente com os riscos à vida e a integridade física do turista, objetivando indicar apenas os fatores restritivos do turismo relacionados com a insegurança, restando assim os seguintes fatores: elevados índices de violência e criminalidade, guerras, problemas de saúde pública, risco de atentados terroristas e risco de desastres naturais.

Na etapa seguinte, com o objetivo de conhecer a percepção dos turistas que visitaram a cidade do Rio de Janeiro, foi aplicada a pesquisa quantitativa por meio de formulário, utilizando os cinco fatores mais pontuados na coleta de dados sobre os fatores restritivos para o turismo em relação à segurança, a saber: “guerras”; “violência e criminalidade”; “risco de atentados terroristas”; “problemas de saúde pública” e; “risco de desastres naturais”.

Além de perguntas para definição do perfil sociodemográfico, que neste trabalho não será destacado, a primeira seção deste questionário apresentou a seguinte pergunta: “A partir da sua experiência durante sua estada na cidade do Rio de Janeiro, você concorda que as indicações a seguir são fatores restritivos para o turismo na referida cidade?”. Os resultados podem ser observados no gráfico 1 a seguir.

Gráfico 1 – Percepção do turista em relação aos fatores restritivos para o turismo na cidade do Rio de Janeiro

Fonte: Elaboração Própria (2020)

Observa-se que o fator restritivo com maior impacto para os entrevistados é o relacionado com os índices de violência e criminalidade na cidade do Rio de Janeiro. A seguir, serão analisados cada um dos fatores restritivos indicados, do menor para o maior impacto junto aos turistas respondentes ao estudo. A seguir, serão analisados cada um dos fatores.

Guerras

Identificamos, a partir da aplicação do questionário, que este fator restritivo, juntamente ao risco de atentados terroristas, foi apontado como o menos importante para o turismo na cidade do Rio de Janeiro, alcançando a nota 1,8.

A guerra é definida como um evento ou um conjunto de eventos, caracterizados como conflitos armados, entre dois ou mais grupos distintos de indivíduos, com diferentes níveis de organização (Klare, 2001). As guerras podem envolver duas ou mais nações ou grupos rivais de uma mesma nação, implicando o rompimento de um estado de paz, propiciando um confronto bélico motivado por distintos motivos (Martins, 2008). Quando as guerras acontecem envolvendo grupos distintos de uma mesma nação, este confronto bélico é apontado como uma guerra civil.

O Brasil é um país que mantém relações diplomáticas com todos os países membros da Organização das Nações Unidas (ONU), além da Palestina e do Vaticano, tendo participado efetivamente de uma guerra pela última vez no período de 1942 a 1945, durante a segunda guerra mundial, não participando efetivamente de conflitos bélicos internacionais, que possam ser considerados guerras, desde então. Tropas brasileiras participaram da Força Interamericana de Paz, enviando soldados à República Dominicana após o golpe militar de 1963, tendo participado também de 14 missões de paz da ONU em países da América do Sul, América Central, Ásia, Europa e Oceania.

Vale destacar que a mídia jornalística expressa os confrontos entre quadrilhas rivais na cidade do Rio de Janeiro como uma guerra. No entanto, tecnicamente estas ações compõem os índices de violência e criminalidade, não se enquadrando no item em questão.

O item 5 do formulário, referente a “concordo totalmente”, não foi assinalado por nenhum dos 384 respondentes.

Risco de Atentados Terroristas

Os riscos de atentados terroristas foram apontados pela demanda turística com a nota média 1,8, empatando tecnicamente com as guerras, como fator restritivo de menor importância para o turismo relativo à segurança.

Os resultados relativos aos riscos de atentados terroristas na cidade do Rio de Janeiro, a partir da percepção da demanda turística indicam que a maioria dos respondentes não temem atentados terroristas na referida cidade, portanto, este fator restritivo não foi considerado relevante para o turismo no Rio de Janeiro.

O terrorismo possui atualmente um caráter transnacional com grande aumento após a globalização. Sabe-se que o homem utiliza há muitos séculos a força e o terror nas sociedades para atingir os mais diversos objetivos.

No entanto, o terrorismo clássico das décadas de 1970 e 1980, direcionado a atingir o Poder Público, por meio de suas edificações e representações pessoais, se direciona na atualidade aos destinos turísticos de alto padrão ou de massa (Korstanje, 2015), tratando como regra geral que os turistas são alvos fáceis e representam valores que grupos extremistas combatem como a liberdade de circulação, a pluralidade cultural e o capitalismo ocidental (Korstanje e Skoll 2015).

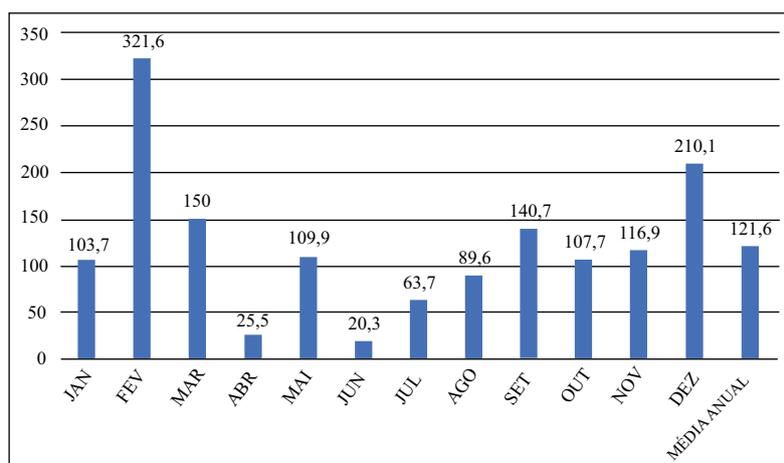
O Rio de Janeiro não possui ocorrências recentes relativas a atentados terroristas, mesmo a localidade sendo um dos principais destinos turísticos sul-americanos e tendo sediado recentemente importantes eventos de grande atratividade, como a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (RIO + 20), realizada em 2012; a Jornada Mundial da Juventude, megaevento católico realizado em 2013; a Copa das Confederações de Futebol, realizada também em 2013 e tendo como sede principal o Rio de Janeiro; a Copa do Mundo FIFA 2014, cuja sede FIFA foi o Rio de Janeiro; e os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Verão 2016. Com isso, a imagem da cidade é desvinculada aos riscos relativos aos atentados terroristas, refletindo tal percepção nos resultados desta pesquisa.

Os respondentes da demanda real consideraram os riscos de atentados terroristas na cidade do Rio de Janeiro muito pequeno, “concordando” ou “concordando totalmente” apenas 34 pessoas, o que corresponde a apenas 8,3% da demanda real que respondeu o referido questionário. Exatos 50%, ou seja, 192 pessoas assinalaram o item 1 (discordo totalmente) em relação ao risco de atentados terroristas na cidade do Rio de Janeiro. Assim, a percepção de quem visitou a cidade do Rio de Janeiro é de que o risco de uma guerra ou de atentados terroristas na cidade é pouco relevante.

Risco de Desastres Naturais

O risco relativo aos desastres naturais foi o terceiro colocado entre os fatores restritivos ao turismo no Rio de Janeiro. A cidade não apresenta risco de desastres naturais de grandes proporções, ocasionados por vulcões e terremotos e o risco relacionado a outros desastres naturais, como furacões ou tsunamis é muito baixo, pois, cientificamente, é possível a ocorrência destes fenômenos na cidade, mas de fato nunca ocorreram na localidade em questão. A ocorrência de tragédias recentes no Brasil, causadas pelo rompimento de barragens de mineradoras e por desmoronamentos e consequentes soterramentos fatais, causados tanto por chuvas fortes quanto por construções civis irregulares, pode ter contribuído na nota média deste fator restritivo. Acredita-se que este resultado foi maximizado pelas datas de aplicação do questionário, coincidindo com o período de chuvas na cidade do Rio de Janeiro, pois o verão chuvoso teve a ocorrência de alagamentos nas ruas e deslizamentos de terra em morros da cidade e na Região Serrana, tendendo este fato a contribuir com os resultados da pesquisa.

Durante o verão, além de a temperatura ser elevada, o índice pluviométrico na cidade também é muito alto, conforme pode ser verificado no gráfico 2. Destaque para o mês de fevereiro de 2020 quando o índice pluviométrico na cidade do Rio de Janeiro foi de 321,6 mm, muito acima da média do mês que é de 130 mm.

Gráfico 2 – Índice Pluviométrico da cidade do Rio de Janeiro em 2020 Milímetros (mm)

Fonte: Elaboração própria, adaptado de Sistema Alerta Rio (2022)

Problemas de Saúde Pública

Os problemas de saúde pública foram apontados como o segundo principal fator restritivo para o turismo em relação à segurança do visitante. A cidade do Rio de Janeiro apresenta altos índices de pessoas contaminadas com diversas doenças cuja transmissão é de difícil controle individual, tais como a dengue, a zika e a chikungunya. Segundo dados divulgados pela Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, em 2016 a cidade registrou 38.082 casos de chikungunya, 17.634 casos de dengue e 1.064 casos de zika. Tais doenças apresentam sintomas incômodos, como dores no corpo e febre. O agravamento do quadro clínico destas doenças pode gerar sequelas temporárias e permanentes e, em alguns casos, levar o paciente à morte. Segundo dados do Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde, em 2016 o Brasil teve 782 mortes provocadas pela dengue, 92 mortes provocadas pela chikungunya e 3 mortes provocadas pela zika.

Com isso, o medo de adquirir estas e outras doenças no Rio de Janeiro age como fator restritivo ao turismo na referida cidade, sendo, portanto, justificável a nota média 3,6 deste fator restritivo.

Elevados índices de Violência e Criminalidade

O fator restritivo apontado como o mais importante para os respondentes foram os “Elevados índices de violência e criminalidade”.

A demanda real indicou este fator restritivo com nota média 4,2. A grande maioria dos entrevistados, 80,2%, indicaram o item 4 e 5, ou seja, concordando ou concordando totalmente que a violência e a criminalidade são fatores restritivos ao turismo na cidade do Rio de Janeiro. Apenas oito respondentes assinalaram o item 1, indicando discordar totalmente que a violência e a criminalidade são importantes fatores restritivos para o turismo na cidade.

A Organização Mundial da Saúde (OMS), sugere que a violência pode ser considerada um problema de saúde pública, quando a taxa de homicídios é superior a 10 vítimas por grupo de 100 mil habitantes.

Pesquisa realizada no Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro (ISP-RJ) permitiu o acesso aos dados referentes à criminalidade na cidade do Rio de Janeiro.

Os homicídios compõem o indicador de Letalidade Violenta, que é um dos indicadores estratégicos de criminalidade da Secretaria de Estado de Segurança Pública do Rio de Janeiro (SESEG-RJ). Compõe a Letalidade Violenta os homicídios dolosos, os homicídios decorrentes de oposição à intervenção policial, os latrocínios (roubo seguido de morte) e a lesão corporal seguida de morte. A vitimização policial (morte de policiais em serviço ou de folga) não compõem os dados de letalidade violenta.

Os índices de homicídios na cidade do Rio de Janeiro são muito superiores aos aceitos pela OMS. Os dados totais e relativos de homicídios elevados na cidade justificam o temor da demanda turística em relação a violência e a criminalidade na cidade.

Destaca-se que houve uma diminuição na taxa de homicídio no período de preparação da cidade para sediar os megaeventos, sendo possível perceber, pelos dados presentes na tabela 1, as elevadas taxas nos anos de 2008 e 2009 e a redução nos anos seguintes (2010 a 2013), período crucial para a manutenção da cidade do Rio de Janeiro e do Brasil como sede dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016 e da Copa do Mundo de Futebol FIFA 2014, respectivamente.

Entre os anos de 2016 e de 2020, o total de homicídios na cidade do Rio de Janeiro se manteve elevado, apresentando uma leve queda na taxa de letalidade, mas ainda assim, apresentando valores próximos ao triplo da taxa de homicídio aceita pela OMS, conforme pode ser verificado na tabela 1.

Observa-se que em 2020, ano em que o país e o mundo adotaram medidas de distanciamento social como medida para conter a pandemia da COVID-19, o índice de homicídios baixou ao menor patamar desde 2008.

Ainda em 2020, foram registradas 325.444 ocorrências policiais na cidade do Rio de Janeiro. Dentre os principais tipos de ocorrências registradas, destacamos os crimes apresentados na tabela 2.

Não são somente os crimes contra a vida que impõem temor em relação ao Rio de Janeiro. Os dados referentes a roubos e agressões são elevados também. Em 2020, foram mais de 25 mil roubos a pedestres registrados nas ruas da cidade; mais de 5 mil pessoas roubadas utilizando os transportes coletivos da cidade, como ônibus, trens e metrô; mais de mil tentativas de homicídio. Estes dados, conforme pode ser visto na tabela 3, realmente tendem a influenciar negativamente a decisão de viajar para o Rio de Janeiro, motivado pelo temor à própria integridade física, à própria vida e a perda de patrimônio.

Além dos dados referentes à taxa de letalidade e de ocorrências não fatais e contra o patrimônio apresentados, há também os dados referentes à vitimização policial, ou seja, o homicídio de policiais em serviço ou de folga na cidade do Rio de Janeiro. No ano de 2018, foram registradas as mortes de 92 policiais. Após esse ano, os dados disponibilizados foram relativos somente aos policiais mortos em serviço, conforme pode ser analisado na tabela 3.

A análise dos dados apresentados propicia afirmar que a cidade do Rio de Janeiro apresenta elevados índices de violência e criminalidade, tendo sido considerado para a demanda turística, como o mais importante fator restritivo para o turismo.

Tabela 1 – Taxa de Letalidade no Rio de Janeiro – 2008/2020

Ano	Homicídios	Taxa de Homicídios
2008	2.877	45,52 por 100 mil/hab.
2009	2.902	45,91 por 100 mil/hab.
2010	2.205	34,89 por 100 mil/hab.
2011	1.783	28,20 por 100 mil/hab.
2012	1.557	24,63 por 100 mil/hab.
2013	1.613	25,52 por 100 mil/hab.
2014	1.552	24,56 por 100 mil/hab.
2015	1.562	24,71 por 100 mil/hab.
2016	1.909	28,17 por 100 mil/hab.
2017	2.131	31,45 por 100 mil/hab.
2018	1.987	29,33 por 100 mil/hab.
2019	1.913	28,23 por 100 mil/hab.
2020	1.420	20,96 por 100 mil/hab.

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados do ISP (2022)

Tabela 2 – Ocorrências Policiais na cidade do Rio de Janeiro - 2020

Tipo de Ocorrência	2020
Homicídio Doloso (com intenção de matar)	957
Lesão corporal seguido de morte	15
Latrocínio	33
Homicídio por Intervenção Policial	415
Tentativa de Homicídio	1.110
Estupro	1.560
Roubo a Comércio	1.632
Roubo a Transeunte	25.356
Roubo em Transporte Coletivo	5.373

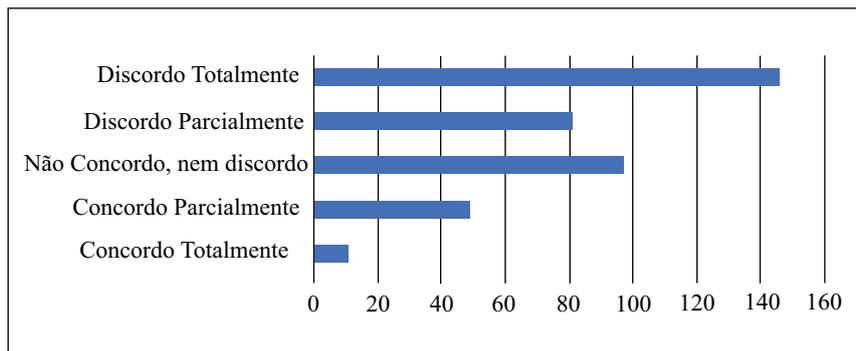
Fonte: Elaboração própria, com base nos dados do ISP (2022)

Tabela 3 – Vitimização Policial – 2020

Ano	Policial Militar	Policial Civil	Total de mortes
2020	4	3	7

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados do ISP (2022)

Segundo o IPEA, a sensação de segurança é definida pela verificação dos indivíduos que não têm medo de serem vítimas de atos de violência e criminalidade. No presente estudo, foi proposta a seguinte questão: Durante sua estada na cidade do Rio de Janeiro você teve a sensação de que estava em uma cidade segura, sem riscos quanto à sua vida ou integridade física? Como resultado, a média da escala foi de 2,21 e os resultados podem ser observados no gráfico 3 a seguir:

Gráfico 3 – Percepção do turista em relação à sensação de segurança na cidade do Rio de Janeiro

Fonte: Elaboração própria (2020)

A percepção de segurança na cidade do Rio de Janeiro, indicada pela demanda turística, foi baixa. A média pela escala Likert alcançou 2,21. Cerca de 59,11% dos respondentes afirmaram discordar totalmente ou parcialmente de que a cidade do Rio de Janeiro propicia sensação de segurança. A relação crime-percepção do risco é geralmente a mais influente no comportamento do visitante (Barker, Page e Meyer, 2003; George, 2010).

A sensação de insegurança propicia um processo de ansiedade, que neste caso, culmina no medo social, pois é compartilhado pela maioria dos turistas entrevistados. A ansiedade e o risco provocam estresse, mais precisamente o *distress*. O estresse é conceitualmente entendido como um processo complexo e multidimensional, sendo que no caso do medo social, caracteriza-se pelo estresse do tipo ambiental, já que não é provocado por um evento específico, e sim por uma antecipação a um evento plausível, cujo ambiente possibilita perceber a possibilidade de ocorrência, gerando o estresse negativo e maléfico ao organismo, destacado como *distress*.

Uma localidade com problemas significativos de segurança propicia a formação de temores coletivos, expressos como medo social. O medo social, caracterizado como ansiedade gera estresse negativo, pois a sensação contínua de que algo ruim pode acontecer a qualquer momento causa estresse negativo e gera mal-estar aos indivíduos, pois rompe a sensação de bem-estar, sobretudo em destinações turísticas, cujo objetivo do deslocamento seria, em geral, a busca pelo bem-estar.

A ideia de *distress* está muito ligada à evolução do conceito de estresse. Os diferentes fatores estressantes poderiam induzir formas benéficas e/ou danosas de estresse (*eustress* e *distress*, respectivamente). A incapacidade para superar a vivência de experiências estressantes desgasta o indivíduo, levando a uma ruptura do bem-estar individual, o que constituiria o *distress* (Sparrenberger; Santos; Lima, 2003, p. 435).

Quanto a capital menos segura do Brasil, os resultados apresentam-se na tabela 4 a seguir:

Tabela 4 – Capitais de unidades de federação do Brasil mais violentas, segundo opinião dos entrevistados

Cidades	Indicações	Percentual de indicações
Rio de Janeiro	153	39%
São Paulo	88	22,9%
Salvador	41	10,6%

(continua...)

Tabela 4 – Continuação.

Cidades	Indicações	Percentual de indicações
Recife	37	9,6%
Belo Horizonte	31	8%
Outros	34	8,8%
Total	384	100%

Fonte: Elaboração própria (2020)

A capital brasileira apontada espontaneamente pela maioria dos entrevistados como sendo a mais violenta do Brasil foi a cidade do Rio de Janeiro, com 153 indicações, equivalendo a 39% das indicações. Esta percepção é construída pelo respondente a partir do acesso às principais fontes midiáticas e pelas suas experiências pessoais. No entanto, dados divulgados pelo Atlas da Violência 2021, indicam que a opinião dos respondentes não corresponde à realidade, pois apenas uma das capitais indicadas faz parte do indesejado ranking das cinco mais violentas.

Em 2020, a capital mais violenta, apresentando a maior taxa estimada de homicídio (54 homicídios por 100 mil habitantes), foi a cidade de Salvador-BA. A segunda capital mais violenta, com taxa estimada de homicídio de 48,5 homicídios por 100 mil habitantes foi Fortaleza-CE. A terceira capital mais violenta foi Macapá-AP com taxa estimada de homicídio de 48,2 por 100 mil habitantes. Rio Branco-AC foi a quarta capital mais violenta, com 44,3 homicídios por 100 mil habitantes. A quinta capital mais violenta foi Aracaju-SE com taxa estimada de homicídio de 37,1 homicídios por 100 mil habitantes. Salvador foi a única cidade indicada pelos respondentes que ficou entre as cinco mais violentas. A cidade do Rio de Janeiro foi a 18ª capital mais violenta do Brasil, com taxa estimada de homicídio no valor de 21 homicídios por 100 mil habitantes. As quatro capitais mais violentas do Brasil apresentam taxa estimada de homicídio superior ao dobro da taxa da cidade do Rio de Janeiro. A comparação e análise destes dados permitem indicar que o risco de um turista ser assassinado em capitais turísticas como Salvador-BA e Fortaleza-CE, conforme pode ser verificado na tabela 5, é muito maior do que na cidade do Rio de Janeiro. No entanto, o estereótipo da cidade do Rio de Janeiro, de acordo com os entrevistados, está mais vinculado à violência do que Salvador e demais capitais brasileiras.

O estereótipo caracteriza-se como uma imagem simplificada que pode levar um indivíduo ou coletividade a atitudes favoráveis ou desfavoráveis em relação a um objeto, a um produto, a uma instituição, a uma pessoa ou, no caso do turismo, em relação a um lugar. Kotler (1994) diferencia imagem e estereótipo afirmando que o estereótipo é mais generalizado, tratando-se de uma imagem difusa, aceita pela maioria das pessoas. Este estereótipo popularizado consolida-se, como afirma Ortiz (1994), propiciando a formação de um imaginário coletivo. Este estereótipo compartilhado pelas pessoas em relação aos espaços onde o turismo se insere, destacamos como estereótipo turístico, formado por um processo cognitivo, que envolve a assimilação de informações verdadeiras ou não, difundidas pelos setores envolvidos com as atividades turísticas e pelos meios de comunicação (Tomé, 2012).

O fato do Rio de Janeiro ter sido indicado pela maioria dos respondentes como a capital mais violenta do Brasil, corrobora o que Valduga, Costa e Breda (2020) apontaram quanto a nem sempre a imagem de um local corresponder à sua realidade. Percebe-se que a cidade tem agregado ao seu estereótipo turístico elementos

negativos vinculados à violência e a criminalidade, fatores restritivos importantes para o turismo, e com potencial relevante de gerar ansiedade, estresse e mal-estar aos visitantes.

Tabela 5 – Taxa de letalidade violenta das capitais brasileiras – 2020

Posição	Capital	Taxa de homicídio/100 mil habitantes	Posição	Capital	Taxa de homicídio/100 mil habitantes
1º	Salvador	54	15º	Porto Velho	24,8
2º	Fortaleza	48,5	16º	Goiânia	24,7
3º	Macapá	48,2	17º	Vitória	21,6
4º	Rio Branco	44,3	18º	Rio de Janeiro	21
5º	Aracaju	37,1	19º	Porto Alegre	20
6º	Maceió	36,2	20º	Belém	19,8
7º	Manaus	35,3	21º	Curitiba	18,5
8º	Teresina	34,4	22º	Campo Grande	16,7
9º	Palmas	33,6	23º	Florianópolis	16,3
10º	Recife	33,4	24º	Brasília	14,2
11º	Boa Vista	30,7	25º	Cuiabá	13,3
12º	João Pessoa	29,4	26º	Belo Horizonte	12,8
13º	Natal	27,5	27º	São Paulo	9,5
14	São Luís	25	-	-	-

Fonte: Elaboração própria, com base em Conceição e Fernandes (2021)

CONCLUSÃO

Acredita-se que o principal objetivo desta pesquisa, o de destacar o medo social por meio da insegurança como relevante fator restritivo para o turismo e provocador de mal-estar para os visitantes, foi alcançado.

A pesquisa bibliográfica deteve-se em temas como fatores motivadores e restritivos, medo social, estresse e estereótipos turísticos.

Algumas das ações investigativas, foram motivadas a partir das indagações que nortearam o desenvolvimento desta pesquisa, a saber: Quais são os principais fatores restritivos para o turismo? Quais os principais fatores restritivos para o turismo relacionados à segurança na cidade do Rio de Janeiro? Qual a percepção de segurança para os turistas na cidade do Rio de Janeiro? Qual a capital brasileira mais violenta na opinião dos turistas?

As ações investigativas propiciaram definir os principais fatores restritivos para o turismo, os principais fatores restritivos relacionados à segurança e a percepção da sensação de segurança no Rio de Janeiro e as capitais mais violentas do Brasil na opinião dos respondentes, que por sua vez não são as de fato mais violentas, de acordo com dados oficiais.

Os dados levantados propiciaram indicar que a cidade do Rio de Janeiro apresenta elevado índice de violência. No entanto, segundo dados do IPEA, o Rio não está entre as capitais mais violentas do Brasil, ao contrário do que afirmam os turistas que responderam ao questionário.

Ao apresentar um estereótipo relacionado a violência e transmitir sensação de insegurança para os turistas, a cidade tende a propiciar a propagação do medo social, possibilitando gerar ansiedade, estresse e mal-estar aos turistas que visitam a cidade, e com isso agir como fator restritivo ao turismo no Rio de Janeiro.

Futuras pesquisas realizadas com a demanda potencial internacional podem auxiliar a compreender melhor o quanto os aspectos de segurança aqui descobertos são de fato fatores de restrição na escolha do Rio de Janeiro como destino turístico, tendo em vista que os turistas entrevistados no presente estudo já se encontravam na cidade.

Faz-se necessários políticas públicas comprometidas com avanços na segurança pública, viabilizando a redução da criminalidade local, a ampliação da sensação de segurança e transformações positivas no estereótipo turístico da cidade.

REFERÊNCIAS

- Álvarez-Torre, J. A. (2017). *Seguridad y percepción de riesgo en la formación de imagen turística: Brasil a través de los agentes autónomos formadores de imagen ante los Juegos Olímpicos*. Tese de Doutorado, Universidad A Coruña, A Coruña, Espanha.
- Álvarez-Torre, J., & Rodríguez-Toubes, D.R.M (2013). Riesgo y percepción en el desarrollo de la imagen turística de Brasil ante los mega-eventos deportivos. *PASOS Revista De Turismo Y Patrimonio Cultural*, 11(3), 147-154. <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0047287503041004004>
- Barker, M., Page, S. J., & Meyer, D. (2003). Urban visitor perceptions of safety during a special event. *Journal of Travel Research*, 41(4), 355 – 361. <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0047287503041004004>
- Brás, M. (2012). *Turismo e Segurança: Efeito da Percepção de Risco na Escolha do Destino Turístico: O Caso do Algarve*. Tese de Doutorado, Faro, Portugal. <https://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/7599>
- Brasil. Ministério da Saúde (2020). *Boletim Epidemiológico*. Brasília-DF: Secretaria de Vigilância em Saúde. Volume 51, Nº 51. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2020/boletim_epidemiologico_svs_51.pdf/view.
- Conceição, A., & Fernandes, A. (2021). *Homicídios voltam a crescer no Brasil em 2020 após dois anos em queda*. Caderno Valor. Jornal O Globo. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2021/07/15/homicidios-voltam-a-crescer-no-brasil-em-2020-apos-dois-anos-em-queda.ghtml>.
- Costa, A, Peres-Jr, M., Prado, M., & Silva, R. (2010). Análise dos fatores motivacionais e determinantes no processo de decisão de compra do consumidor turístico no entorno do Parque Nacional da Serra da Canastra na região de São Roque de Minas (MG). *Revista Brasileira de Ecoturismo*, 3(2), 215-234. <https://periodicos.unifesp.br/index.php/ecoturismo/article/view/5878>
- Dann, G. (1981). Tourist motivation: an appraisal. *Annals of Tourism Research*, 8, 187-219. [https://doi.org/10.1016/0160-7383\(81\)90082-7](https://doi.org/10.1016/0160-7383(81)90082-7)
- DIEST/IPEA; FBSP (2019). *Atlas da violência 2019*. Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019>

- Farmaki, A., Khalilzadeh, J., & Altinay, L. (2019). Travel motivation and demotivation within politically unstable nations. *Tourism Management Perspectives*, 29, 118-130. <https://doi.org/10.1016/j.tmp.2018.11.004>
- George, R. (2010). Visitor perceptions of crime - safety and attitudes towards risk: The case of table mountain national park, Cape Town. *Tourism Management*, 31(6): 806 – 815. <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0261517709001630>
- GIL, A. C. (2008). Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. - São Paulo: Atlas.
- Gonçalves, C. R. & Tomé, M. (2021). Os impactos do terrorismo na atividade turística: os casos de Madri (2004) e Paris (2015) in: Planejamento e gestão da segurança pública em turismo [recurso eletrônico]: *Reflexões teóricas e estudos de caso*. Costa, J.H. et al (Organizadores). Mossoró, RN: EDUERN. <https://geplat.com/morebooks/index.php/mb/article/view/15/15>
- Hahm, J., & Severt, K. (2018). Importance of destination marketing on image and familiarity. *Journal of Hospitality and Tourism Insights*, 1(1), 37–53. Doi: 10.1108/JHTI-10-2017-0002
- Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro. (2022). Disponível em <http://www.isp.rj.gov.br/>
- Klare, M. (2001). *Resource Wars: The New Landscape of Global Conflict*. New York, USA: Owl Books.
- Korstanje, M. (2015). Terrorism led Investigation: Modern Tourism is Terrorism by Other Means. *International Journal of Terrorism & Political Hot Spots*, 11(1), 105-116. https://www.academia.edu/12545637/TERRORISM_LED_INVESTIGATIONS
- Korstanje, M.; Skoll, G. (2015). Del lujo al terrorismo: turismo, el terrorismo por otros medios. *Études caribéennes*, 30. Doi:10.4000/etudescaribeennes.7388
- Kotler, P. (1994) *Marketing Management: Analysis, Planning, Implementation, and Control*. 8th Edition, Upper Saddle River: Prentice Hall.
- Marques, O., & Monteiro, J. (2015). A Jornada Mundial da Juventude 2013: os impactos econômicos dos gastos dos peregrinos na Cidade do Rio de Janeiro. *Tourism & Management Studies*, 11, 71-77. https://www.researchgate.net/publication/282832913_A_Jornada_Mundial_da_Juventude_2013_os_impactos_economicos_dos_gastos_dos_peregrinos_na_Cidade_do_Rio_de_Janeiro
- Martins, J. (2008). *Digitalização e guerra local: fatores do equilíbrio internacional*. Tese de Doutorado, UFRGS, Porto Alegre, Brasil. <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/14405/000650087.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Mota, F. (2006). Raça, gênero, classe e estupro: exclusões e violências nas relações entre nativos e turistas em Florianópolis. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, 16(1), 29-44. <https://www.scielo.br/j/physis/a/ZBPZ7LcfgvNKx8ngCfrqrd/?lang=pt>
- ORTIZ, R. (1994). *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2003. p. 105-145.
- Panosso Neto, A. (2005). *Filosofia do Turismo*. São Paulo: Aleph.
- Pessotti, I. (1978). *Ansiedade*. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária.
- Santos, I, Ribeiro, J., Costa, A., & Álvares, A. (2019) Relação entre cortisol e estresse: análise de atividades diárias em profissões. *Revista de Iniciação Científica e Extensão (REICEN)*, 2(1), 62-69. <https://revistasfaca.senaaires.com.br/index.php/iniciacao-cientifica/article/view/237#:~:text=De%20acordo%20com%20os%20resultados,desde%20de%20lutadores%20at%C3%A9%20estudantes.>
- Singh, K. A., Moraes, A. B. A. de, & Bovi Ambrosano, G. M. (2000). Medo, ansiedade e controle relacionados ao tratamento odontológico. *Pesq Odont Bras*, 14(2), 131-136. <https://www.scielo.br/j/pob/a/6SSHNVz9wmskPP8JC4wJFwy/>

- Sistema Alerta Rio. (2022). Relatório Anual de Chuva para a cidade do Rio de Janeiro no ano de 2020. Disponível em: http://www.sistema-alerta-rio.com.br/wp-content/uploads/2021/11/RELATORIO_ANUAL_CHUVA_2020.pdf
- Sparrenberger, F., Santos, I., & Lima, R. (2003). Epidemiologia do distress psicológico: estudo transversal de base populacional. *Rev. Saúde Pública*, 37(4), 434-439. <https://www.scielo.org/pdf/rsp/2003.v37n4/434-439/pt>
- Swarbrooke, J.; Horner, S. (2002). *O comportamento do consumidor no turismo*. São Paulo: ed. Aleph.
- Tomé, M. (2012). Medo Social e Turismo no Rio de Janeiro. *Tourism & Management Studies*, 8, 48-54. <https://www.redalyc.org/pdf/3887/388743870006.pdf>
- Tuan, Yu-Fu. (2005). *Paisagens do Medo*. São Paulo: Ed. UNESP.
- Valduga, M., Costa, C., & Breda, Z. (2020). Perceptions of blended destination image: The case of Rio de Janeiro and Brazil. *Journal of Hospitality and Tourism Insights*, 3(2), 75-93. Doi: 10.1108/JHTI-03-2019-0052 (ISSN: 2514-9792)
- Vasconcellos, N. (2023). O drama sem fim da violência no Rio. O Dia. Recuperado de: <https://ultimosegundo.ig.com.br/colunas/nuno-vasconcellos/2023-04-09/o-drama-sem-fim-da-violencia-no-rio.html>

Recebido em: 17 de junho de 2022
Aprovado em: 25 de agosto de 2022

CONTRIBUIÇÕES:

Marcello de Barros Tomé Machado: Definição do problema de pesquisa e objetivos, desenvolvimento da proposição teórica, realização da revisão bibliográfica e fundamentação teórica, escolha dos procedimentos metodológicos, coleta e análise dos dados, redação do manuscrito.

Manoela Carrillo Valduga: Definição do problema de pesquisa e objetivos, desenvolvimento da proposição teórica, realização da revisão bibliográfica e fundamentação teórica, elaboração de tabelas, gráficos e figuras, realização de cálculos e projeções, revisão crítica do manuscrito.

Ericka Maria Costa de Amorim: Definição do problema de pesquisa e objetivos, desenvolvimento da proposição teórica, realização da revisão bibliográfica e fundamentação teórica, escolha dos procedimentos metodológicos.